

## MICROSCÓPIO

# «A GRANDE MISERIA»

15.IV.54

Raul Pilla

**C**OMENTANDO a caótica situação política de São Paulo, em que, nem ante uma gravíssima ameaça à normalidade da vida pública no Estado e no País, se entendem os partidos políticos, diz o eminente jornalista sr. Macedo Soares:

«O fato é que todos e cada um dos partidos em causa não tiram os olhos de seus próprios interesses. Querem assegurar o governo estadual para um compadre, que lhes garanta posições e negócios. E, quando apanham um nome fora do círculo das facções, é para ganhar tempo, respirar e tomar fôlego».

Perfeita é a descrição. Não se trata, porém, de fenômeno paulista, senão de mal brasileiro, conquanto mais grave em São Paulo. Por toda a parte e em todas as ocasiões, verifica-se, no Brasil, a mesma incapacidade dos partidos políticos.

No âmbito nacional, o que se está observando é o jogo de esconder. Assim foi em 1950, com o resultado que se conhece; assim está sendo agora, não obstante os esforços do sr. Etelvino Lins para levar as forças políticas a encarar o problema de frente.

Qual a causa do estranho fenômeno? Cumpriria perquiri-la, para poder sair do terreno estéril das imprecações e lamentações. Por que se mostram tão ineptos os partidos políticos? Por que não têm olhos, senão para os seus mesquinhos interesses?

A mais simples e intuitiva das respostas é que não temos partidos, se por tais entendemos organizações votadas especificamente ao bem comum. Na melhor das hipóteses, são partidos degenerados, que perderam a consciência da própria finalidade.

Mas, por que não temos partidos? Eis a questão. Duvidosa não é, para mim, a resposta. Não temos verdadeiros partidos políticos, porque não os favorece o regime vigente, porque ele leva a procurar no governo, seja este municipal, estadual, ou nacional, apenas «um compadre que garanta posições e negócios».

Exagêro? Basta analisar o fenômeno para conhecer a verdade. O sistema presidencial no Brasil e, pelo menos, em toda a América Latina, é governo pessoal e irresponsável. No Município, o prefeito, no Estado, o governador, na União, o presidente, são a chave de tudo. Por isto, toda a nossa vida pública passou a girar em torno da conquista de tais postos. Querer que os nossos partidos sejam outra coisa, que não meros sindicatos eleitorais é pretender que atuem fora da realidade. E exigir que abram mão dos seus próprios candidatos, isto é, dos homens que lhes trarão as vantagens do poder — sua própria razão de ser — é pedir que se contradigam. Ainda quando um deles chega a manifestar-se por um candidato apartidário, é na secreta esperança de o inclinar aos seus interesses.

Esta é a razão da desordem que vai por São Paulo e por quase todo o País. O mal manifesta-se nos homens, mas a causa reside no sistema político.